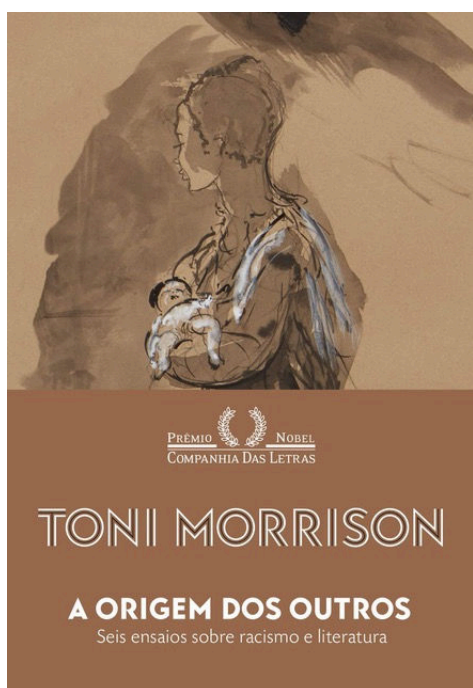


A literatura e o *Outro* racializado

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. Trad. Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. São Paulo: Companhia das letras, 2019 (152 p.)

JULIO CESAR SANCHES*



A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura é a mais recente obra, traduzida para o português, da escritora afroamericana Toni Morrison. Ganhadora do Prêmio Nobel de literatura, em 1993, Morrison articula um importante pensamento para os estudos literários e culturais

contemporâneos. Fruto de seis conferências proferidas na Harvard University, no ano de 2016, a coletânea de ensaios nos provoca a refletir sobre os processos de produção e circulação das representações literárias dos sujeitos racializados, destacando também o poder dos códigos literários na constituição de uma imagem dos sujeitos racializados como o *Outro*.

A autora nos convida a perceber como as narrativas de importantes nomes da literatura mundial, como Ernest Hemingway e William Faulkner, por exemplo, caracterizavam personagens negros e negras, cuja cor era o principal ingrediente do processo de formação do sujeito racialmente diferente. Apontando para os processos de “outremização” do sujeito de cor, Morrison dissectiona a estética literária de determinadas obras com o intuito de demonstrar um complexo jogo simbólico que envolve as dinâmicas sociais e culturais do racismo e o dispositivo literário.



* **JULIO CESAR SANCHES** é doutorando em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (ECO/PÓS/UFRJ); autor do livro *Genealogia do grotesco: a modernidade como fábrica de corpos monstruosos*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016; é editor assistente da RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (FIOCRUZ).

No prefácio, escrito pelo jornalista e escritor Ta-Nehisi Coates, vislumbra-se a potência dos argumentos de Toni Morrison sobre o racismo praticado nos Estados Unidos da América, quando ele afirma que “O racismo faz diferença. Ser um Outro neste país faz diferença (2019, p. 17), revelando uma intrincada rede de sentidos sobre o Outro racializado. E é dessa perspectiva da constituição da “outremização” que os seis ensaios de Morrison constroem uma sofisticada análise do discurso literário, perpassando pela 1) romantização da escravidão; 2) o tornar-se estrangeiro; 3) o fetiche da cor; 4) as configurações da negritude; 5) os modos de narrar o outro; 6) o lar do estrangeiro.

Ao citar o famoso romance *A cabana do Pai Tomás*, escrito por Harriet Beecher Stowe em 1852, Morrison alerta como a construção das personagens negras foram desenvolvidas para o entretenimento da branquitude escravocrata estadunidense, visto que “seus leitores contemporâneos eram pessoas brancas, aquelas que precisavam, queriam ou conseguiam apreciar a romantização” (p. 36). Isto é, Morrison percebe que a narrativa de Stowe faz parte de um amplo conjunto de práticas literárias que visavam construir uma sentimentalização romântica em torno da escravidão negra nos EUA, viabilizando a construção das pessoas negras como o Outro, o estrangeiro, radicalmente distintas das pessoas brancas. É por isso que a autora chega à conclusão de que essas narrativas literárias definem a existência de uma necessidade “social/psicológica de um estrangeiro, um Outro, que possibilite definir o eu isolado” (p. 38-39).

O processo de “outremização” sofrido pelas pessoas de cor nas narrativas literárias é identificado por Toni Morrison como um jogo dialético entre o

eu e o outro, cujos ingredientes identitários perfazem as histórias das personagens negras como estrangeiras, exóticas e selvagens, signos que demarcam como determinados sujeitos são tornados estranhos e perigosos. Diante disso, Morrison afirma que “a necessidade de transformar o escravizado numa espécie estrangeira parece ser uma tentativa desesperada de confirmar a si mesmo como normal” (p. 54).

Ao tornar o escravizado um estrangeiro, as narrativas literárias abrem as portas para os modos de governar o Outro, consolidando códigos culturais marcadamente fetichistas. E o fetiche em torno das pessoas de cor fabricam os modelos essencialistas das representações do Outro nos textos literários. O significado que a cor da pele adquire nas tramas literárias, segundo Morrison, revela o caráter essencialista de aprisionamento do estrangeiro em marcas corporais estereotipadas. Para Toni Morrison, o recurso das marcas corporais raciais para caracterizar personagens de cor na literatura demarca o procedimento de fetiche da cor, pois são esses códigos que definem as representações e constroem um olhar racializado no discurso literário.

A crítica de Toni Morrison às configurações da representação da negritude na literatura se avoluma quando a autora apresenta os recursos literários utilizados na construção da narrativa do seu livro *Paraíso*, onde destaca-se a existência de uma comunidade negra fictícia do estado do Oklahoma representada de modo distinto daquilo que já foi produzido pela literatura estadunidense. Em *Paraíso*, a comunidade negra se protege dos estrangeiros e impuros, desenvolvendo uma narrativa dramática que desmascara os discursos e as estratégias sociais em

torno da pureza racial. Nesse sentido, Morrison afirma que: “eu quis reconfigurar a negritude. Quis rastrear a exigência de pureza e a reação dos habitantes da cidade quando a pureza negra era ameaçada pelo menos importante ou pelo impuro” (p. 94).

Advogando a ideia de raça como um conceito que se arvora na imaginação genética, onde a fabulação racial sequestra a diferença e estabelece os regimes simbólicos em torno do Outro no tecido social, Toni Morrison realiza em seus ensaios um importante diagnóstico: a literatura contribuiu para a invenção do Outro racial, destacando-o como estrangeiro. E o contexto sociocultural racialmente marcado e desigual foi consolidando a perspectiva da diferença no universo literário.

Para Toni Morrison, a relação entre o racismo e a literatura deve ser investigada através dos modos de narração do Outro. Afinal, é nesse processo de constituição do Outro (a “outremização”) que o dispositivo literário realiza os processos de imaginação da diferença racial. E a diferença torna-se a base dos regimes de representação do Outro marcado pela cor, pelos costumes, pelas práticas e condutas imaginadas.

Explicando o processo de criação do seu romance de sucesso *Amada*, ganhador do Prêmio Pulitzer em 1988, Morrison destaca que a narrativa não buscou incriminar a mãe que mata sua filha para salvá-la das dores da escravidão, contrariando o livro escrito por Steven Weisenburger que caracterizou a personagem infanticida como uma mulher negra ressentida e amargurada. Morrison nos diz que, apesar de saber do

verdadeiro final da história de Margareth Garner, optou por construir uma outra narrativa:

Criei minha própria versão do final, que optei por tornar esperançoso, ao contrário do triste, perturbador e verdadeiro fim da vida de Margareth Garner. Rebatizada e redesenhada como Sethe, minha mãe escravizada é incentivada a enfim pensar, e até mesmo saber, que pode ser um ser humano digno de valor apesar do que aconteceu com ela e com sua filha (p. 116-117).

É com a esperança de uma criação literária que não seja marcada pelo discurso racista que Toni Morrison encerra a coletânea. Ao apresentar a estética literária afroamericana e africana como formas de repensar o lugar em que habitam o Outro, a autora destaca que os universalismos da globalização têm produzido jogos simbólicos que marcam as disputas sobre as fronteiras nacionais, a circulação de pessoas e as migrações forçadas ou desejadas, visibilizando também a (re)constituição de imaginários e jogos de poder sobre o estrangeiro. E nesse jogo, a África ressurgue como lugar mítico que, por vezes, pode revelar novas possibilidades ou reiterar as limitações fabricadas do Outro. Em síntese, para Toni Morrison, cabe à literatura construir novas formas de narrar a humanidade, distanciando-se dos discursos de exotização, objetificação e fetichização do Outro. E essa busca deve compor um novo cenário simbólico e material para pensar a vida humana.

Recebido em 2020-07-08
Publicado em 2020-11-13